

INFLUÊNCIA DA MANIPULAÇÃO DE POTROS AO NASCIMENTO SOBRE O COMPORTAMENTO AO CABRESTEAR

Anita Schmidek

Zoot., Dr., PqC do Polo Regional Alta Mogiana/APTA

anita@apta.sp.gov.br

José Victor de Oliveira

Med. Vet., Ms., PqC do Polo Regional Alta Mogiana/ APTA

jvictor@apta.sp.gov.br

Fernando Bergantini Miguel

Adm. Emp., Ms., PqC Polo Regional Alta Mogiana/APTA

fbmiguel@apta.sp.gov.br

Ainda que a manipulação potros no período pós-nascimento traga resultados duradouros e benéficos (MAL & MCCALL, 1996; SIMPSON, 2002; LANSADE et al., 2005; SØNDERGAARD & JAGO, 2010), este manejo, também chamado de “imprinting” ou estampagem, ainda não faz parte da rotina de grande parte dos criatórios de equinos. Usualmente, é realizado durante as primeiras semanas de vida, em dias consecutivos.

Entre os motivos que podem levar os produtores a não utilizar esta técnica, estão falta de conhecimento dos resultados, falta de equipe de campo treinada e talvez o mais importante motivo, falta de tempo e quantidade de mão de obra, uma vez que a fase de nascimento coincide com a de cobertura, atividades que via de regra atribuídas à mesma equipe, tornando pouco exequível a inclusão de mais uma atividade na rotina de campo.

Neste sentido, a APTA de Colina testou uma alternativa menos intensiva à manipulação de potros, coincidindo com a rotina de manejo para cura de umbigo, realizada três vezes por semana, durante as primeiras duas semanas de vida, esperando-se que a manipulação facilite o procedimento de cabrestear os potros, realizado na desmama, quando os mesmos têm cerca de sete meses de vida.

Nosso objetivo foi avaliar se manipular potros de forma gentil ao nascimento pode determinar diferenças comportamentais cerca de sete meses mais tarde, durante o procedimento de cabrestamento destes.

Foram avaliados 16 potros, sendo 8 manipulados (M) e 8 controles (C), recebendo ambos os mesmos manejos de rotina para cura de umbigo e cuidados sanitários. A maior parte dos animais avaliados foi composta pela raça Brasileiro de Hipismo (7=M; 5=C), sendo o restante da raça Bretão (1=M; 1=C) e mestiços (2=C). Entre os potros avaliados, 10 eram machos (5=M; 5=C) e 6 fêmeas (3=M; 3=C).

A manipulação ao nascimento ocorreu durante as duas primeiras semanas de vida, em dias intercalados (2^{as}, 4^{as} e 6^{as} feiras), ocorrendo dentro de baias de alvenaria (2,5 x 2,5m), estando na baia o potro e sua mãe, em sessões diárias de 15 minutos. Na Tabela 1 é apresentado um resumo dos procedimentos experimentais adotados.

Tabela 1. Resumo dos procedimentos experimentais adotados.

	Manipulação	Cabrestamento
Época	nascimento	desmama
Duração	2 semanas	3 dias
Dias da semana	2 ^a , 4 ^a e 6 ^a feira	4 ^a , 5 ^a e 6 ^a feira
Número de sessões	6; 1 por dia	6; 2 por dia

O processo de manipulação consistiu na aproximação do potro, evitando movimentos bruscos. Quando o potro aceitava a aproximação, o mesmo passava a ser acariciado, inicialmente na junção entre o pescoço e a paleta e posteriormente nas demais partes do corpo, incluindo cabeça, dorso, peito, barriga e patas.

O cabrestamento ocorreu junto com a desmama, colocando-se dois potros por baia (2,5 x 2,5m) e levando as mães dos potros para pastos distantes. Assim, no 2^o, 3^o e 4^o dia de permanência na baia, os potros foram cabrestados por duas pessoas (uma por potro), em duas sessões diárias de 15 minutos cada (manhã e tarde). Caso o potro não aceitasse a colocação do cabresto após 15 minutos, ele não era manipulado naquela sessão.

Este processo seguiu normas da doma racional, estabelecendo a confiança do potro no ser humano pela redução do medo, utilizando afagos e comandos verbais como recompensa,

ao aceitar colocar o cabresto, ao receber leves palmadas pelo corpo, quando suas patas fossem levantadas e andasse para frente com leves toques do cabo do cabresto.

Deve ser ressaltado que em nenhum momento o potro foi acuado para colocar o cabresto, não recebeu puxões com o cabo do cabresto para os lados ou para frente (conhecido por “quebrar no cabresto” ou “quebrar o potro”), tampouco houve pessoa auxiliar batendo no posterior do potro para que andasse para frente.

Cerca de uma semana antes da desmama, foi registrada a distância de fuga (distância que o potro aceita aproximação do avaliador antes de fugir), em arena de 20 x 20 m, com potros e éguas juntos, considerando 0m o potro que aceitou afagá-lo e -1m para potros que se aproximaram do avaliador e aceitaram afago.

Durante o cabrestamento, dentro da baia, foram registrados o escore da primeira aproximação do potro, o número de sessões para colocar o cabresto, para cabrestear (andar para frente) e para perder cócegas. Se ao final do cabrestamento o potro não andava para frente sem relutância, ou não perdeu completamente a cócega, foi designado o valor 12 para o parâmetro. Na Figura 1 são ilustradas algumas etapas das avaliações.



Figura 1. a. distância de fuga; b. colocação do cabresto; c. condução fora da baia.

Foram registradas ocorrências durante a primeira colocação de cabresto e ao ser conduzido pelo cabresto, fora da baia, que consistiram em empinar, dar manotada ou coice, empacar, tomar cabresto, passar na frente, escorregar, cair e fugir.

Tabela 2. Comportamentos apresentados por potros manipulados ao nascimento ou controle (não manipulados), quanto à distância de fuga, primeira aproximação na fase de cabrestamento, colocação de cabresto, perder cócega e cabrestear.

Parâmetro	Local	Manipulados (M)	Controle (C)
Distância de Fuga	Arena 20x20m	-0,2m (-1m a 0,5m)	1,0m (-1m a 3m)
1ª Aproximação (%)	Baia 2,5x2,5m		
aceita s/ reagir		100%	75%
aceita e reage		0%	12,5%
não aceita		0%	12,5%
Número de sessões	Baia 2,5x2,5m		
colocar cabresto		1,0	1,3
perder cócega		1,8	4,5
cabrestear		4,8	7,8

Avaliando a reação dos potros quanto à distância de fuga, (Tabela 2), verificamos menor distância nos potros manipulados (M) em comparação aos controle (C). Isto refletiu em grande parte do grupo M aceitando ser afagado ou buscando contato com o avaliador, mas apenas três potros C aceitando serem afagados em campo aberto.

No processo de cabrestamento, os potros manipulados ao nascimento aceitaram melhor a aproximação do avaliador e precisaram menos sessões de treinamento para colocar o cabresto, perder cócega e cabrestear (ser conduzido pelo cabresto), em comparação aos controle (Tabela 2), indicando que a interação positiva ao nascimento trouxe reflexos positivos meio ano após o procedimento.

Um fato interessante, ainda que não registrado de forma sistemática, é que no ano anterior, em que não houve manipulação ao nascimento, nenhum dos potros aceitou a aproximação sem reagir.

Possivelmente, a manipulação realizada em parte dos potros, de alguma forma, conduziu a mudanças comportamentais favoráveis nos potros não manipulados, visto que 75% destes aceitou a aproximação humana sem reagir (Tabela 2).

A grande parte dos potros de ambos os grupos aceitou a colocação do cabresto na primeira sessão de cabrestamento, ressaltando que não houve contenção do potro para tal. Houve apenas um potro, controle, que não aceitou a aproximação e conseqüentemente a colocação do cabresto, o que foi possível apenas na terceira sessão de cabrestamento.

Dentro das baias, não foi registrada nenhuma ocorrência, indicando que a técnica adotada é um procedimento seguro tanto para animais, assim como para as pessoas envolvidas. Na Tabela 3 estão apresentadas as ocorrências registradas durante a primeira condução pelo cabresto fora das baias.

Tabela 3. Ocorrências registradas durante a primeira condução dos potros pelo cabresto, em área externa (fora das baias).

Ocorrências	Manipulados	Não Manipulados
Empinar	3	3
Manotada/ Coice	0	0
Empacar	5	4
Tomar cabresto	0	0
Passar na frente	1	1
Escorregar	0	1
Cair	0	0
Fugir	0	1

Ocorreram algumas tentativas de fuga e de passar na frente, evitadas com leve pressão no cabo do cabresto. Escorregão e fuga ocorreram com o potro que mais demorou a aceitar aproximação, e o que apresentou a maior distância de fuga (3m).

Assim, se o potro fugiu quando o avaliador estava a três metros dele, é possível que ao estar contido por um cabresto, a cerca de meio metro do avaliador, o potro estivesse com medo e tentasse fugir.

Este fato chamou atenção, pois no cabrestamento convencional são corriqueiras as ocorrências de reações violentas dos potros (tentativas de fuga, manotadas e coices), exigindo grande esforço físico e com risco de acidentes para humanos e animais.

Assim, seria recomendado que a saída da baía só ocorresse quando aceitasse a aproximação humana, tornando o procedimento mais seguro para o homem e os animais.

Isto indica que ao contrário do que preconizam muitas metodologias de estimulação de potros, em que o progresso da estimulação destes ocorre em função do número de sessões de treinamento, o progresso deveria considerar a evolução do treinamento do potro.

Com base nos resultados obtidos, identificamos indícios que manipular potros de forma gentil 3 vezes por semana, pelas 2 primeiras semanas de vida destes, trouxe efeitos benéficos que perduraram até a desmama, facilitando o cabrestamento dos potros, indicando relação de custo e benefício favorável quanto à segurança de pessoas e animais, à qualidade da relação ser humano-equino, assim como ao bem estar animal.

Referências

MAL, M.E.; MCCALL, C.A. The influence of handling during different ages on a halter training test in foals. **Applied Animal Behaviour Science**, v.50, p. 115-120, 1996.

LANSADE, L.; BERTRAND, M.; BOUISSOU, M-F. Effects of neonatal handling on subsequent manageability, reactivity and learning ability of foals. **Applied Animal Behaviour Science**, v. 92, p. 143-158, 2005.

SIMPSON, B. Neonatal foal handling. **Applied Animal Behaviour Science**, v. 78, p. 303-317, 2002.

SØNDERGAARD, E.; JAGO, J. The effect of early handling of foals on their reaction to handling, humans and novelty, and the foal–mare relationship. **Applied Animal Behaviour Science**, v. 123, p. 93-100, 2010.

Agradecemos à dedicação da equipe de apoio do setor, Devair A. Leite, Edson T. Ferreira, Fábio A. Bernardo, João Francisco dos Santos, João Paulo Batista, Luiz Carlos T. Ferreira, Márcia O. N. Ikuma, Sebastião D. Neves, Paulo C. Brait, da equipe do Regimento 9 de Julho Daniel P. da Silva, Edilson F. Pereira e João Pedro dos Santos, e dos estagiários Artur F. Morales, Bianca C. A. de Oliveira, Cesar A. P. de Assis, Débora S. Fernandes, Gabriella Limieri, Jaqueline A. Moraes, Jean C. de C. da Silva, Jeferson A. B. Cotrim, Jéssica C. de C. da Silva, José A. R. Neto, Laís H. F. Lia, Laura M. Teixeira, Letícia M. Barbosa.